

**LUIZ
ALFREDO
GARCIA-
-ROZA** FANTASMA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

Renata Ursaia

Edição

Heloisa Jabn

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Carmen T. S. Costa

Renata Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia-Roza, Luiz Alfredo

Fantasma / Luiz Alfredo Garcia-Roza — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2102-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura brasileira)
I. Título.

12-04316

CDD-869.930872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial : Literatura brasileira 869.930872

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PARTE I

1

Espinosa desceu pela escada os três andares do prédio onde morava, carregando uma sacola com livros, remédios e objetos de uso pessoal. Atravessou o hall de entrada, abriu a porta da frente, mas antes mesmo de ultrapassar o jardimzinho e chegar à calçada deu meia-volta e entrou de novo no edifício. Depositou a sacola sobre uma mesa no vestíbulo e tirou o paletó. Protegido do olhar de estranhos, puxou a arma enfiada no cós da calça e colocou-a dentro da sacola. Em seguida distribuiu entre os bolsos da calça os pertences que estavam nos bolsos do paletó. Feito o novo arranjo, saiu levando na mão o paletó e a sacola. Era o melhor que podia fazer, já que precisava andar armado e usar terno numa cidade em que no verão, às oito da manhã, a temperatura já ultrapassava os trinta graus. Enquanto cruzava a praça do Bairro Peixoto, pequeno enclave no centro de Copacabana, a caminho da 12^a DP, pensava na pergunta que fizera a si mesmo na noite anterior e que lhe ocorrera outra vez no café da manhã: o que levaria um conceituado filósofo e lógico a elaborar uma teoria de objetos não existentes? Se os objetos não existiam, qual o sentido de construir uma teoria sobre eles?

No dia anterior Espinosa deixara sua mala com roupas e o notebook na recepção do hotel, sob os cuidados do gerente. Caso tivesse se esquecido de levar alguma coisa, bastaria voltar uma quadra e meia sobre seus passos — a distância entre o prédio onde morava e o hotel. Não estava se mudando, mas apenas deixando o apartamento por duas

semanas, prazo previsto pela firma contratada para realizar obras na cozinha e nos banheiros. Nesse período, ele não poderia usar os banheiros nem a cozinha, o que significava uma interdição parcial da casa em termos objetivos, mas total em termos práticos. Morava naquele prédio desde os dez anos de idade e chegara o momento de substituir o velho encanamento por outro de material sintético, resistente à ferrugem.

A pergunta que não o abandonava e que tirara algumas horas de seu sono na noite anterior referia-se ao título de um livro que encontrara num sebo. Tratava-se de uma crítica do filósofo e lógico inglês Bertrand Russell ao livro *Sobre a teoria dos objetos inexistentes*, do também filósofo e lógico austríaco Alexius Meinong e cujo título considerava fascinante.

Não que o delegado Espinosa tivesse especial interesse pela filosofia ou pela lógica. Pelo menos não a ponto de comprar um livro que discutia questões além de sua compreensão. Comprara porque era um livro publicado em 1910 e custara uma ninharia.

Além do título provocador, uma introdução falava dos tais objetos não apenas como inexistentes (ou não existentes, como ele frisava), mas ainda por cima os dividia em três classes distintas. À primeira, pertencem os objetos cuja não-existência é um fato empírico, caso do centauro, por exemplo. À segunda classe, os objetos cuja existência implica uma contradição, e o exemplo era o círculo quadrado. À terceira, pertencem os objetos que subsistem mas não existem em si mesmos: os números, as relações e as figuras geométricas. Estes últimos, dizia o filósofo austríaco, estão para além do ser e do não-ser. Assim, a redondeza do quadrado redondo, por exemplo, não é afetada pela sua não-existência.

O homem era um louco, pensou Espinosa. “A redondeza do quadrado redondo não é afetada pela sua não-existência!” A frase o encantava, embora fosse uma frase de louco. Caminhava em direção à delegacia, ainda procurando

a lógica dessas ideias. Dizer que a redondeza do quadrado redondo não é afetada por sua não-existência é o mesmo que dizer que a fama de Sherlock Holmes não é afetada por sua não-existência... E não é mesmo, concluiu, perplexo. E nesse instante Espinosa decidiu que dedicaria um pouco mais de tempo à estranha teoria dos ainda mais estranhos objetos não existentes.

Ainda não acabara de atravessar a praça, quando o celular tocou.

— Delegado Espinosa?

— Bom dia, Welber — disse, reconhecendo a voz de seu colaborador.

— Bom dia, delegado. Desculpe a hora.

— Nenhum problema, já estou na rua. O que houve?

— O plantão recebeu um comunicado de que há um morto debaixo da marquise de um prédio na avenida Copacabana.

— E?

— Foi esfaqueado. O inspetor Hélio, que estava de plantão, me ligou. E estou aqui no local esperando a perícia.

— Por que você?

— Porque o cadáver foi saqueado. Levaram o paletó, o sapato e tudo o que ele tinha nos bolsos da calça. Só deixaram mesmo a calça e a camisa, ambas sujas de sangue.

— Mas por que chamaram você especificamente?

— Porque o PM que fez a ocorrência disse que havia um número escrito a caneta na palma da mão do morto. O inspetor Hélio, que atendeu o PM, perguntou qual era o número. Os seis primeiros algarismos eram do seu celular, delegado. O inspetor Hélio se deu conta disso e me ligou, porque sabia que eu moro a uma quadra do local da ocorrência.

— E os outros dois algarismos? São oito.

— Só tinha seis. Pode ser só uma coincidência, como pode não ser. Eu disse ao inspetor Hélio para não comentar o fato com ninguém e vim aqui pro local da ocorrência.

— Onde está o corpo?

— A duas quadras da delegacia, dobrando à esquerda na avenida Copacabana.

— Estou indo para aí.

Espinosa passou pela delegacia, deixou a sacola e o paletó no balcão de atendimento, colocou a arma no cós da calça, por baixo da camisa, e seguiu pela rua Hilário de Gouveia. Atravessou a Barata Ribeiro, dobrou à esquerda na avenida Copacabana e imediatamente avistou, no meio da quadra seguinte, a aglomeração na calçada. Às oito da manhã o movimento de veículos e pedestres na principal avenida do bairro costumava ser intenso. O máximo que os PMS haviam conseguido fazer para preservar a cena do crime fora isolar o trecho da calçada marcado por pequenas manchas de sangue do meio-fio até a fachada do prédio. O rastro sugeria que a vítima fora esfaqueada perto do meio-fio e arrastada para baixo da marquise. O corpo estava coberto por um plástico preto que deixava de fora os pés sem meias, que atraíam a atenção dos passantes.

O inspetor Welber viu o delegado se aproximando e foi ao seu encontro.

— Conseguiu saber alguma coisa? — perguntou Espinosa.

— Muito pouco. O crime deve ter acontecido de madrugada. A vítima foi atacada pela frente com uma única estocada na altura do fígado e depois arrastada até a parede do prédio. É provável que os autores do saque tenham sido os sem-teto. Não há nenhuma testemunha, apenas uma mancha de sangue perto do meio-fio e um rastro fraco em direção ao prédio.

— Nenhuma testemunha?

— Parece que não. O encarregado da limpeza da calçada e os vigias das lojas disseram que todos os dias quando eles chegam aqui encontram alguns sem-teto dormindo embaixo da marquise, mas que hoje havia apenas uma mulher já conhecida na área e outra pessoa que eles na hora

pensaram que fosse um morador de rua. Quando eles se aproximaram e viram as marcas de sangue no chão, foram olhar o homem de perto, e aí chamaram a polícia.

Os dois PMS que procuravam manter os curiosos afastados reconheceram o delegado Espinosa e levantaram a fita amarela para ele passar. O plástico negro brilhante que cobria quase todo o cadáver contrastava com os pés muito brancos. Espinosa se agachou junto ao corpo e levantou o plástico, o que fez aumentar a concentração de pessoas em volta. Demorou-se observando o rosto do morto de diferentes ângulos, examinou os números anotados na mão esquerda, verificou se havia ferimentos nos braços e nas mãos; tentou ver a etiqueta da camisa e da calça, mas percebeu que para isso teria que mexer muito no corpo. O morto tinha a pele clara de quem não apanha sol, parecia estrangeiro, cuidava bem do corpo e da aparência, a roupa era de boa qualidade, o cabelo estava bem cortado, as unhas aparadas e limpas e os pés eram os de uma pessoa que não frequenta praia nem anda descalça. De uma coisa Espinosa tinha certeza: nunca vira aquele homem.

— Você trouxe a câmera? — perguntou a Welber.

— Não, mas posso usar a do celular. Não é uma câmera de qualidade, mas...

— Você acha que dá pra tirar uma foto boa do rosto do morto? Os olhos estão quase inteiramente abertos, veja se consegue levantar um pouco mais as pálpebras para termos uma imagem do rosto com os olhos abertos.

— O senhor quer que eu abra os olhos do morto?

Depois de muita hesitação, Welber tocou no cadáver e levantou suas pálpebras. Em seguida limpou muitas vezes a ponta dos dedos na calça, como se aquele tipo de morte fosse contagioso.

— E agora? — perguntou Espinosa, apontando para o celular.

— Agora podemos imprimir umas cópias em papel no computador da delegacia.

— Ótimo. Faça isso.

Nenhum dos sem-teto que haviam passado a noite sob a marquise estava à vista. Segundo o vigia da agência bancária, todos tinham sumido antes do dia clarear.

— Todos com exceção da Princesa — acrescentou Welber.

— Que Princesa? — perguntou Espinosa.

— Aquela ali — disse Welber, apontando para uma mulher gorda sentada dois prédios adiante sob a marquise, atrás de um cercado feito com restos de caixas de papelão. — Se o senhor levar um café e um pão com manteiga para ela, ela vai ficar muito sua amiga. O dono do botequim ao lado é que sabe como a Princesa gosta de café. Todos a conhecem por aqui.

Minutos depois, Espinosa se aproximava da mulher levando um saco de papel com um pão com manteiga e um copo de café, enquanto ela escondia apressadamente o que o delegado achou ser um batom.

— Você demorou para vir — disse ela com um sorriso simpático.

— E para compensar minha demora, eu trouxe seu café da manhã.

— Obrigada. Eu te reconheci quando você chegou... Todo mundo aqui sabe quem é o delegado Espinosa.

— Todo mundo quem? — perguntou Espinosa.

— Os moradores de rua.

— Não sabia que eu era conhecido no meio.

— Eu conheço você e todos que vivem por aqui também te conhecem — disse ela, olhando em volta. — E eu nem tenho uma cadeira pra oferecer.

— Não se preocupe, posso me sentar ao seu lado no degrau.

A jovem conhecida por Princesa puxou um pedaço

de papelão de debaixo de uma de suas sacolas e o esticou no degrau.

Sentada com as costas apoiadas na parede do prédio e as pernas esticadas sobre a calçada, a mulher parecia uma boneca de pano e porcelana enorme e gorda, de dimensões inéditas. Estava com um vestido de florzinhas que deixava suas pernas e braços de fora, expondo a pele alva encardida e com poeira acumulada nas dobras da gordura; o rosto redondo e bonito era o de uma mulher de menos de trinta anos, apesar dos dentes maltratados e do cabelo sujo e embaraçado. Ela passara batom nos lábios para conversar com o delegado e esperou Espinosa sentar-se a seu lado para só então provar o café.

— Então, Princesa, noite agitada?

— Não sei, delegado, dormi o tempo todo, só acordei de manhã.

— Quer dizer que não viu nada.

— Se você está se referindo àquele homem deitado ali na calçada, ouvi dizer que ele levou uma facada. É o que eu sei. Tenho sono pesado.

— E os seus amigos sem-teto, onde eles estavam?

— Não são meus amigos, nem sei o nome deles.

— Quantos dormem aqui?

— Dois, às vezes três. Não são sempre os mesmos.

— E ontem, quantos eram?

— Até eu dormir acho que eram dois, mas não tenho certeza.

— Você já viu isso acontecer por aqui outras vezes?

— Já aconteceu perto de onde eu estava, mas nunca cheguei a ver, eu estava sempre dormindo — disse ela com o mesmo sorriso simpático.

— Quer dizer que você não viu nem o homem ser morto nem quando pegaram o sapato dele, meias, relógio, carteira e tudo o que ele tinha no bolso? — voltou a perguntar Espinosa, olhando na direção do cadáver.

— Se foi mesmo isso que aconteceu, não chegou a me acordar. E mesmo que eu tivesse visto, que diferença ia fazer, se ele já estava morto?

— E como você sabe que ele já estava morto?

— Eu só fiquei sabendo que tinha um homem morto debaixo da marquise quando um PM mal-educado me acordou de manhã me cutucando com a bota.

Espinosa soube mais tarde que Princesa não ocupava o espaço público da mesma forma que seus companheiros sem-teto, a começar pelo fato de que os outros chegavam sempre no final da tarde, início da noite, para se instalar sob a marquise, enquanto ela ocupava o mesmo lugar o tempo todo, dia e noite, como uma moradia permanente. Tinha escolhido um local bem na junção entre dois prédios, para evitar que os vigias e porteiros reclamassem. Ali, junto à parede, acomodava as sacolas com suas roupas, que além de demarcarem seu território serviam como almofada. Escorada pelas sacolas e placas de papelão, Princesa permanecia sentada com um meio sorriso nos lábios, cumprimentando gentilmente os passantes. De vez em quando perguntava a um deles se podia lhe trazer um café ou um refrigerante. Nunca pedia dinheiro. Contava como certo que os garçons dos bares e restaurantes vizinhos lhe trariam no fim do dia uma embalagem de alumínio com sobras da cozinha. Não raro uma moradora de um dos prédios próximos também lhe oferecia alguma sobra de comida. Ela agradecia a todos de forma tão doce e cativante que quem a presenteava ia embora sentindo-se presenteado. Princesa evitava a todo custo mudar de área. Quando isso acontecia, em geral por pressão dos seguranças a mando dos síndicos dos prédios das redondezas, não ia muito longe, devido à dificuldade de se locomover com todas as suas sacolas e a grande quantidade de caixas de papelão desmontadas, além de seus quase duzentos quilos de peso. Enquanto seus colegas sem-teto variavam de parada, evitando permanecer muito tempo no mesmo lugar, Princesa era uma espécie de nômade sedentária. Mantinha-se no mesmo ponto por semanas ou meses, fazendo mudanças

estratégicas de poucos metros apenas para satisfazer os opositores mais próximos. Os agentes sociais da prefeitura e da guarda municipal raramente a incomodavam, dada a dificuldade de transportá-la para alguma instituição capaz de lhe dar abrigo e alimento, ajuda que, aliás, ela própria recusava.

Espinosa acreditava que Princesa havia presenciado senão a morte da vítima pelo menos o saque do corpo. Agora que ele e a mulher haviam se conhecido e conversado, julgava que era apenas uma questão de tempo e de mais algumas visitas para ela lhe fornecer as informações que o ajudariam a esclarecer o enigma do morto e do número escrito na palma de sua mão. Espinosa deu o encontro por encerrado e se despediu, prometendo voltar.

Quando chegou à delegacia, os inspetores Welber e Ramiro já tinham as cópias da foto do morto. Welber mostrou-as ao delegado.

— Perfeito. Parece vivo — disse Espinosa.

— Fotografei também a mão com o número escrito.

Welber deixara duas fotos na mesa do delegado, a do morto e a da mão.

Espinosa leu os recados e avisos que encontrou em sua mesa e os anexou aos relatórios que aguardavam sua análise. Fechou a porta do gabinete e acomodou-se na cadeira giratória, saboreando por instantes o vento frio do ar-condicionado. Pegou as fotos e olhou demoradamente para a vítima. Realmente, nunca vira aquele rosto. Quanto aos algarismos, nada garantia que fossem um número incompleto de telefone; também podiam ser uma senha bancária, por exemplo.

As manhãs de segunda-feira na delegacia sempre exigiam uma atenção maior por causa do movimento do fim de semana, tarefa que tomou o que restava da manhã de Espinosa.

Antes de ir almoçar, Welber passou pelo gabinete do delegado.

— O senhor quer que eu veja quando o IML vai fazer a autópsia? — perguntou.

— Quero. Veja também quando eles poderão nos dizer, mesmo por telefone, o que a vítima comeu naquela noite; se bebeu, se usou drogas. Veja também se eles podem nos enviar as digitais e as etiquetas da calça e da camisa.

No meio da tarde, Espinosa recebeu a visita do delegado Nestor e do inspetor Bastos, da Delegacia de Homicídios. Os dois fizeram questão de frisar que não se tratava de investigação preliminar nem de depoimento, mas de conversa entre colegas, já que alguém lhes dissera que o número do celular do delegado Espinosa estava escrito na mão do morto e que aquela era a informação de apoio para iniciar a investigação.

— Então estamos no mesmo ponto — disse Espinosa. — A única vantagem que tenho sobre os colegas da Homicídios é que eu sabia o número do meu celular e vocês não. Além disso, o número escrito na mão do morto só tinha seis algarismos, enquanto o número do meu celular, como todos os outros, tem oito. Creio que nós todos temos o mesmo nível de informação. E para que não reste dúvida quanto a esse fato, acrescento mais um detalhe: eu nunca vi esse homem antes, não tenho a menor ideia de quem ele seja. Mas me coloco com prazer à disposição dos colegas para as informações que se fizerem necessárias no decorrer das investigações.

Os dois policiais se entreolharam e se levantaram. Espinosa também se levantou. Apertaram-se as mãos e os homens da Homicídios foram embora.

Encerrado o expediente, Espinosa resistiu à tentação de passar pelo seu prédio para ver se as obras já haviam começado e seguiu pela Décio Vilarés em direção ao Hotel Santa Clara. Ocupava o mesmo quarto do segundo andar,

com varanda para a rua, que ocupara em outras ocasiões. Verificou se tudo estava em ordem, instalou o notebook sobre a pequena secretária junto à janela, ligou-o e abriu uma nova pasta com o nome provisório de “Estrangeiro”. Começou a escrever: “Vítima: homem, caucasiano, 40 anos aprox., pele clara, cabelos castanhos, olhos castanhos, morto com uma facada no fígado na madrugada do dia...”.

O celular tocou. Irene.

— Olá, querido, como está se sentindo na sua casa provisória?

— Confortável... dentro do possível.

— O hotel tem restaurante?

— Não, mas tem uma copa.

— Isso significa que você não jantou.

— Jantei um sanduíche muito bom.

— E almoçou?

— Almocei. Sanduíche. Também muito bom.

— Você não acha que é um regime monótono?

— Já me habituei a ele. De vez em quando almoço na Trattoria ou no restaurante em frente à delegacia, você sabe.

— Tem certeza de que não quer ficar aqui no meu apartamento durante a reforma?

— Seria muito mais prazeroso, é claro, mas aqui no hotel estou a dois passos da delegacia e do meu apartamento. É prático. Posso passar o fim de semana aí com você.

— Ótimo. Combinado.

Irene era dez anos mais nova que ele; os dois estavam juntos havia dez anos. Espinosa tinha certeza de que se gostavam profundamente, assim como tinha certeza da atração física que sentiam um pelo outro. Eles haviam criado espaços de vida distintos e bem protegidos. Moravam cada um no seu apartamento e se encontravam e passavam os fins de semana ora no apartamento dela, em Ipanema, ora no dele, em Copacabana. Não havia cobranças nem ciúmes. Eram independentes e ligados por laços duradouros, embora não muito ortodoxos. Quando estavam juntos, era bom. Uma única vez haviam falado em casamento. Con-

cordaram que preferiam não se casar e que não pretendiam ter filhos. Ele já tinha um filho adulto e não pretendia ter outro; Irene nunca tivera filhos e estava certa de que nunca teria.

Irene não dissera a Espinosa que precisaria ir a São Paulo no dia seguinte. Esperava voltar na sexta-feira, assim poderiam passar pelo menos o sábado e o domingo juntos. Antes de sair de casa, na manhã seguinte, deixou um recado no celular dele.

As primeiras informações da autópsia acusaram a presença de um leve resíduo de benzodiazepina, um relaxante muscular ingerido por via oral. Não havia indício de uso continuado de drogas. Pequena lesão frontal-temporal. Ausência de cicatrizes cirúrgicas ou tatuagens. A marca na fronte assinalada pelo médico-legista podia ser decorrente da queda após a facada. O laudo completo ainda dependia do resultado dos exames laboratoriais. As etiquetas da calça, da cueca e da camisa eram da marca americana *Banana Republic* e poderiam sugerir um cidadão ou um morador dos Estados Unidos. Em um dos bolsos da calça foi encontrado um tíquete eletrônico de bagagem colado na metade de cima do recibo da passagem, onde constava a sigla dos aeroportos Guarulhos e Galeão, o número do voo e o horário de partida e de chegada. Faltava apenas o nome do passageiro, que estava na parte rasgada do bilhete. O tíquete aéreo era o dado mais importante do resumo transcrito por Welber.

Era quase meio-dia quando Espinosa notou o aviso de mensagem em seu celular. Irene dizia que acabara de embarcar para São Paulo e que ligaria mais tarde. A empresa em que Irene trabalhava tinha escritórios no Rio e em São Paulo e ela alternava suas atividades profissionais entre as duas cidades. Antes de eles se conhecerem, essa

dupla geografia fora palco de uma vida sexual igualmente dupla de Irene. Não havia promiscuidade — contara ela anos mais tarde —, o que havia era uma atividade sexual com parceiros masculinos e femininos, indiferentemente.

Espinosa conheceu Irene quando ela acompanhava uma amiga que fora prestar depoimento na 12ª DP sobre um acidente seguido de morte. Ambas, Irene e a amiga depoente, eram muito bonitas e parecidas. Durante o depoimento, que durara mais de uma hora, o olhar de Irene ia da amiga para Espinosa e de volta para a amiga. Não era um olhar de interesse pelo que cada um deles dizia, mas de avaliação, como que sopesando um e outro. Terminado o exame, claramente notado por Espinosa, ele tivera certeza de duas coisas: de que passara no teste e de que a amiga era amante de Irene. Tudo transcorrera no intervalo de uma hora e meia de um depoimento bastante detalhado. Dez anos depois, ele ainda se espantava de como atravessara aquela experiência e lidara sem um grande choque com a percepção clara do conteúdo das relações em jogo.

Depois desse primeiro encontro na delegacia, os dois começaram a se encontrar, e não demorou para Espinosa contar a Irene o que percebera no decorrer do depoimento. Irene ouviu Espinosa sem nenhum assombro ou pudor, e confirmou que as impressões dele estavam corretas. Conversaram sobre o assunto. Irene declarou que aquela não era a escolha sexual de sua vida, mas uma escolha que também acontecia. E nunca mais tocaram no assunto.

Irene era sexualmente exuberante e dona de um afeto contínuo e intenso, mas sua vida interior era tão protegida quanto a de Espinosa. Mesmo depois de dez anos, eles podiam quando muito tecer conjecturas imprecisas sobre o que se passava na interioridade do outro, ou mesmo na exterioridade, tendo em vista que não moravam juntos nem se viam ou falavam cotidianamente. Essa grande região de sombra que escapava ao olhar e à escuta dos dois permanecia inexpugnável. Espinosa não perguntava o que Irene fazia em seus momentos de folga ou em suas noites em São

Paulo, assim como ela não indagava sobre as atividades dele nas muitas noites que passava sozinho no Rio.

No decorrer daqueles dez anos, Espinosa tivera contato com várias amigas de Irene. Algumas ela conhecera em São Paulo, outras nos Estados Unidos ou na Europa. Quase todas bonitas e atraentes. Esse era um tema recorrente das reflexões de Espinosa. Nunca conversara com ninguém sobre o assunto. Na opinião dele, não era o melhor estilo de relacionamento amoroso, embora viesse dando certo havia uma década; tampouco sabia que estilo seria melhor do que aquele ou mesmo se era possível haver estilos preestabelecidos de relação amorosa. Tendia a considerar que cada relacionamento constituía seu próprio estilo, singular e intransferível.

Resolveu almoçar na Trattoria, o que o obrigava a passar pelos domínios da Princesa: tentaria continuar a conversa da véspera. Procurou-a antes do almoço. Assim que viu Espinosa se aproximar, Princesa buscou o batom, que passou nos lábios como se aquele fosse um gesto repetido inúmeras vezes no dia, mesmo sem a presença do delegado.

— Bom dia, Princesa.

— Bom dia, delegado — disse ela, estendendo um pedaço de papelão para ele se sentar, como fizera um dia antes.

— Posso lhe oferecer alguma coisa? — perguntou Espinosa, registrando a formalidade do uso de *delegado*.

— Não, obrigada. Quem sabe daqui a pouco. Ainda atrás do assassino, delegado?

— Do assassino e dos ladrões.

— Ladrões?

— Os que saquearam o morto.

— Mas se ele já estava morto...

— É roubo do mesmo jeito, com o agravante da vítima estar morta.

— Mas eles não mataram o homem.

— Como você sabe? Você me disse que estava dormindo e que não tinha visto nada.

— Mas você também estava dormindo, não viu nada e está achando que foram os meus colegas que pegaram as coisas do morto.

— Eu sou pago para desconfiar do que as pessoas dizem.

— Até do que eu digo?

— Até do que você diz.

— Então por que fica fazendo perguntas?

— Para ver se posso confiar em você.

— E pode?

— Ainda não.

— Falta o quê?

— Confiança.

— E por que você não confia em mim?

— Porque sou pago pra isso.

— Você é pago para desconfiar das pessoas? Que coisa mais feia.

— Você também não confia em mim.

— Mas não sou paga pra isso. Sou uma mulher sozinha... na rua dia e noite... não posso confiar nas pessoas.

— Então nós dois, por motivos diferentes, desconfiamos das pessoas. Não somos tão diferentes.

— Ah, somos! Você não é morador de rua, é bem tratado, tem casa, família, frequentou escola, fala certo...

— Algo me diz que você também tem ou teve família, foi bem tratada e frequentou escola. Você fala corretamente.

— Acho que vou aceitar seu oferecimento... Talvez um café e um pão com manteiga — disse Princesa.

Espinosa foi até o mesmo bar onde na véspera havia comprado o lanche dela e voltou minutos depois com mais um café e um pão com manteiga.

Princesa comia devagar e com delicadeza enquanto Espinosa, sentado a seu lado no degrau da calçada, alheio aos olhares dos passantes, esperava pacientemente ela terminar

o lanche. Poucos na rua permaneciam indiferentes à cena: Princesa esparramada junto à parede do prédio, as pernas esticadas para a frente, cercada de sacolas e placas de papelão, e Espinosa, de terno e gravata, sentado a seu lado. Formavam uma dupla capaz de chamar a atenção até numa calçada de Copacabana.

— Seus colegas de rua ficaram assustados com o que aconteceu ontem? — perguntou Espinosa quando ela terminou o lanche.

— Eles se assustam à toa — disse Princesa. — Gente pobre dormindo na rua vira um alvo para pessoas ruins. De madrugada atiram na gente com armas de ar comprimido, não são espingardas de chumbinho, mas armas que machucam de verdade; isso quando não usam revólver ou jogam álcool e ateiam fogo. Às vezes, quatro ou cinco descem de um carro com porrete na mão e quebram os ossos de quem está dormindo. Quem tem casa na Baixada está desistindo de dormir aqui no Rio e preferindo voltar para dormir em casa. O problema é que se pagam a passagem todo dia ficam sem dinheiro para comer.

— E você, por que continua aqui, se arriscando a todas essas ameaças?

— Porque para mim é muito difícil me movimentar, pegar condução. Além disso, seria gastar mais dinheiro. Prefiro ficar aqui. E, também, para onde eu iria?

— Você não tem medo?

— Tenho. Mas quem não tem?

Espinosa ficou pensando na fragilidade de Princesa e em sua total incapacidade de se defender dos predadores noturnos. Se a agredissem, ela não poderia nem tentar fugir, sair correndo. Demorava para se levantar do chão, sua locomoção era vagarosa, seus gestos também. O delegado se despediu e prometeu voltar no dia seguinte para conversarem mais um pouco.

Espinosa desistiu de almoçar na Trattoria e resolveu co-

mer um sanduíche no Pavão Azul, em frente à delegacia. Foi direto para lá. Queria se sentar para refletir um pouco sobre a conversa de minutos antes.

Enquanto comia, vinha-lhe repetidamente à lembrança duas frases de Princesa que soavam como um recado: “Eles se assustam à toa...”, “Gente pobre dormindo na rua vira um alvo para pessoas ruins...”. Se os sem-teto se assustavam facilmente, claro que teriam se assustado com um homem sendo morto a poucos metros de onde eles dormiam.

Estava fazendo anotações em seu caderninho, quando Welber chegou e perguntou se podia se sentar com ele. Precisava lhe contar uma coisa.

— Delegado, eu estava indo para a delegacia, quando vi o senhor dobrar a esquina. Eu vinha pelo outro lado da rua e acelerei o passo para encontrá-lo. Só que o sinal fechou para mim e precisei parar. Aí vi que logo atrás do senhor ia um homem que eu tinha visto ontem de manhã no meio dos curiosos em volta do morto. Ele com toda a certeza me viu ontem de manhã, mas não me viu agora, porque eu estava na outra calçada e ele estava muito interessado no senhor para prestar atenção em qualquer outra coisa. Agora, neste instante, ele está aqui dentro, de pé no balcão tomando um café, de costas para o senhor.

Espinosa nem precisou virar o rosto, pois tinha o homem em seu campo de visão.

— O que você acha? — perguntou Espinosa.

— Que ele passou por três ou quatro botequins onde poderia ter tomado o mesmo café pelo mesmo preço.

— Se ele me seguiu para ver onde eu trabalho, é porque não faz parte do grupo dos sem-teto da Princesa. Ela me disse que todos lá me conhecem e sabem que eu sou o delegado titular da 12^a DP.

— Talvez ele não seja um sem-teto — sugeriu Welber.

— Vai ver só está sondando o ambiente. Ele já nos conhece de ontem, mas numa das mesas aí da calçada tem dois inspetores nossos, novatos. Vá até lá e dê instruções para um deles seguir o homem do balcão e ver aonde ele vai. Diga para o inspetor falar comigo na volta.

Espinosa continuou sentado, comendo lentamente seu sanduíche e tomando uma cerveja, enquanto o homem, mais lentamente ainda, continuou tomando seu café. Quando Espinosa pediu a conta, o homem na hora pediu a sua e os dois saíram praticamente ao mesmo tempo. Espinosa atravessou a rua sem se virar.

O jovem policial encarregado de seguir o estranho voltou uma hora depois.

— Delegado, desculpe, mas o homem escapou. Assim que saímos daqui, ele dobrou à direita na avenida Copacabana e entrou no Shopping Center na esquina da Siqueira Campos. Como ele estava quase meia quadra na minha frente, não deu para eu ver se ele tinha descido para as lojas do subsolo ou ido para os andares de cima. Com isso ele ganhou mais dianteira. O shopping é muito grande, tem vários andares. Percorri cada andar, olhei loja por loja, mas ele me enganou.

— Você se chama Paulo, não é?

— É, delegado. Paulo Santos Assunção.

— Da próxima vez nós pegamos ele, inspetor Paulo. De qualquer maneira, você fez o que foi possível.

Welber enviara a foto da vítima por e-mail à Polícia Federal do aeroporto de Guarulhos, na expectativa de algum agente se lembrar de um passageiro proveniente do exterior que na segunda-feira tivesse feito conexão para o Rio no voo das 23h45 com destino ao aeroporto do Galeão. O mesmo foi feito com a equipe de terra da companhia do voo Guarulhos-Galeão, investigação que acabou se revelando bem-sucedida. O nome do passageiro era A. Domínguez. Para Espinosa, tudo se encaixava. Se ele fizera a conexão Guarulhos-Galeão, é porque chegara num voo internacional em São Paulo e fizera a conexão para o Rio num voo doméstico Guarulhos-Galeão. Admitindo um pequeno atraso na conexão em São Paulo e outra pequena demora na liberação da bagagem no Galeão, ele provavel-

mente havia chegado de táxi a Copacabana por volta das duas da manhã, hora provável do crime. O crime fora cometido na segunda-feira e até aquele momento, quinta-feira, ninguém reclamara o corpo.

Com a foto e o nome da vítima, Ramiro foi encarregado de percorrer os consulados e o controle de passaportes da Polícia Federal, enquanto Welber se ocupava dos hotéis da orla.

Na manhã seguinte, Espinosa recebeu a notícia de que Princesa e seus colegas de marquise haviam desaparecido das ruas. Ele acreditava que os sem-teto agiam como as formigas: uma vez ameaçados ou atacados, dispersavam-se e mudavam de terreno. Só que comparar Princesa a uma formiga era impossível. O delegado achava que ela vivia na rua, sob as marquises, exposta a tudo e a todos, porque aquele era o espaço capaz de contê-la. Em troca desse abrigo sem limites, ela abria mão da segurança, de conforto e das condições de higiene essenciais a qualquer pessoa. Princesa não cabia numa cama, e se alguma fosse suficientemente grande e forte para suportá-la, uma vez deitada ela não conseguiria se levantar sem a ajuda de outra pessoa, por isso dormia sentada, escorada em suas sacolas. Assim, se Princesa tivesse se mudado de área, seria apenas para outra calçada, onde ela sabia que seria facilmente encontrada. A menos que tivesse se mudado para bem longe, para outra cidade ou mesmo outro estado. Espinosa sentiu o desaparecimento de Princesa como uma espécie de traição, embora em nenhum momento tivesse lhe pedido que não saísse dali, mesmo porque não considerava isso viável.

Espinosa voltou caminhando lentamente para o hotel. Irene não voltara a ligar. Bem, na verdade ele não consultara o celular uma única vez durante o dia. Meteu a mão no

bolso do paletó, que passara a tarde pendurado no cabide, e se deu conta de que o aparelho não poderia mesmo ter tocado, pois estava desligado. Ligou-o e verificou as chamadas não atendidas. Havia três de Irene, além de um torpedo dela avisando que só retornaria no sábado. A volta para o hotel às oito da noite de uma sexta-feira carregando um pacotinho com um quibe e uma esfirra para o jantar tinha um toque melancólico.

Escolheu um dos livros que trouxera de casa e automaticamente olhou em torno à procura de sua cadeira de balanço, mas teve de se contentar com uma poltrona. Não conseguiu se concentrar na leitura. Seu pensamento passava de Irene para Princesa, de Princesa para seu perseguidor misterioso, deste para o estrangeiro assassinado, e em seguida o fluxo de pensamentos recomeçava. Dormiu sentado e de luz acesa, o livro emborcado no colo. Não chegou a comer o quibe e a esfirra.

Acordou confuso em relação à hora e ao lugar onde estava. Lembrou-se do pacotinho com o jantar. Pegou uma cerveja no frigobar e um quibe. Pensava em Irene e em Princesa, duas pessoas ausentes. Às três e quinze da manhã, passou da poltrona para a cama. Dormiu até o amanhecer.